

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E CIÊNCIAS SOCIAIS: UMA ABORDAGEM DA REALIDADE VIVIDA NA ESCOLA COM A INTEGRAÇÃO RURAL E URBANA.

Zampin, Ivan Carlos¹;

RESUMO

Esse trabalho de pesquisa visa a busca e a demonstração argumentativa da disparidade do convívio social, por força da movimentação de pessoas do meio rural no meio urbano, no contexto de um espaço geográfico. Assim, como ambiente integrador apresenta-se a Escola, que podemos perceber que é, o lugar do encontro das divergências e tem um papel primordial nas junções e a busca pela dissolução ou quebra de paradigmas sociais.

Palavras chave: Educação, Escola, Sociologia, Geografia

ABSTRACT

This research aims at the search and the argumentative demonstration of the social conviviality disparity, due to the movement of people from the rural environment in the urban environment, in the context of a geographic space. Thus, as an integrating environment, the School presents itself, which we can perceive as the meeting place of divergences and has a primordial role in the junctions and the search for the dissolution or breaking of social paradigms.

Keywords: Education, School, Sociology, Geography

¹ Professor Universitário, Ensino Médio, Fundamental e Gestor Escolar.

INTRODUÇÃO

No contexto das teorias sociais é possível observar a existência de classes. Segundo a teoria de urbanismo de Wirth (1938) apud (Morris 1972, p., 66), a cidade é definida como “um aglomerado permanentemente e relativamente grande e denso, de indivíduos socialmente heterogêneos”. Seguidamente Wirth lançou-se à descoberta das formas de ação e organização social que mais frequentemente surgem nas cidades, assim como a demonstração de que essas formas podiam ser logicamente atribuídas ao tamanho, densidade e heterogeneidade incomuns. Dentre suas preposições esse autor define:

[...] O crescimento e a diversidade estão associados na cidade a vínculos relativamente fracos entre os co-residentes, visto que os moradores citadinos têm menos probabilidades do que os moradores rurais de terem vivido juntos, durante algumas gerações, sob uma tradição comum (WIRTH, 1938, apud MORRIS, 1972, p. 66).

A formação do “ser” cidadão através do questionamento crítico sensível e subjetivo pode ser também a base da formação de uma sociedade ativa em prol da manutenção e da melhoria do espaço em que se vive. Assim, tratando da educação básica do campo, esse tema:

[...] traduz exigências definindo as diretrizes curriculares nacionais da educação básica demonstrando que a identidade das escolas do campo deve ser definida pela sua vinculação com as questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva do País.

[...] As propostas pedagógicas das escolas do campo devem contemplar a diversidade do campo em todos os seus aspectos: sociais, culturais, políticos, econômicos, de gênero, geração e etnia (BRASIL, 2001, p. 44 – 45).

Seguindo pensamentos de Tuan (1980) e Oliveira (2004), há grande necessidade de se estudar o Meio Ambiente e seu habitante como unidade inseparável, pois o habitante depende totalmente das qualidades dos elementos que compõem o meio; existe, sem dúvida, apego entre os habitantes e o *hábitat*. Pessoas têm capacidade de reconhecer os elementos que integram o lugar, tanto os

próprios quanto os impróprios e percebe-se satisfação em sentir nostalgia e sensação de pertencimento de si mesmo para com o local em que se mora. O ambiente físico leva, muitas vezes, o habitante a momentos passados, fazendo disso um resgate de sua própria consciência; é, segundo os autores, indissociável o elo entre morador e moradia, ainda que amiúde as cores se entristeçam e a alegria se dissolva, mas existe o elo.

Segundo Tuan (1980) e Oliveira (2004), quanto mais tempo se passa, mais intensa se torna a ligação e, desta forma, mais difícil ainda é saber onde começa o morador e onde termina a moradia; onde começa o habitante e onde termina o *hábitat*: sentimento fraternal de uns para com os outros moradores sem distinção, pois são todos componentes do espaço geográfico. Dentre os espaços humanizados a escola é um lugar que oportuniza, ou deveria possibilitar as pessoas à convivência com seus semelhantes (socialização). De acordo com texto do PROGESTÃO – Módulo 1 (2001, p. 23), “as melhores e mais conceituadas escolas pertenciam à rede particular, atendendo um grupo elitizado, enquanto a grande maioria teria que lutar para conseguir uma vaga em escolas públicas com estrutura física e pedagógica deficientes.”

A escola é uma instituição social com objetivo explícito: o desenvolvimento das potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos alunos, por meio da aprendizagem dos conteúdos (conhecimentos, habilidades, procedimentos, atitudes, e valores) que, aliás, deve acontecer de maneira contextualizada desenvolvendo nos discentes a capacidade de tornarem-se cidadãos participativos na sociedade em que vivem. Eis o grande desafio da escola, fazer do ambiente escolar um meio que favoreça o aprendizado, onde a escola deixe de ser apenas um ponto de encontro e passe a ser, além disso, encontro com o saber com descobertas de forma prazerosa e funcional, conforme relata Libâneo (2005, p.117) dizendo que:

Devemos inferir, portanto, que a educação de qualidade é aquela mediante a qual a escola promove, para com todos, o domínio dos conhecimentos e o desenvolvimento de capacidades cognitivas e afetivas indispensáveis ao atendimento de necessidades individuais e sociais dos alunos (LIBÂNEO, 2005, p. 117).

A escola deve oferecer situações que favoreçam o aprendizado, onde haja sede em aprender e também razão, entendimento da importância desse aprendizado no futuro do aluno. Se ele compreender que, muito mais importante do

que possuir bens materiais, é ter uma fonte de segurança que garanta seu espaço no mercado competitivo, ele buscará conhecer e aprender sempre mais. Assim, torna-se possível observar que os jovens dificilmente possuem perspectivas definidas quanto à seriedade e importância dos estudos para suas vidas profissional, emocional e afetiva. A maioria não tem hábito de leitura, frequentam a biblioteca de vez em quando, outros nunca foram lá. A escola é na verdade um local onde se encontram, conversam e até namoram. Há ainda, a questão de a família estar raramente participando na escola, a parceria entre essa instituição e família nesse contexto é fraca.

Partindo dessa análise, nota-se que a comunidade e a escola ainda tem dificuldades em promover ações que tragam a família para ser aliada nas discussões de engrandecimento e fortalecimento das ações educativas e participativas, a família por sua vez ainda não concebeu a ideia de que precisa estar incluída no processo de ensino e aprendizagem independente de seu nível de escolaridade, assim, de acordo com Libâneo (2005, p.116), na prática, [...] “O grande desafio é o de incluir, nos padrões de vida digna, os milhões de indivíduos excluídos e sem condições básicas para se constituírem cidadãos participantes de uma sociedade em permanente mutação”.

Políticas que fortaleçam laços entre comunidade e escola são medidas, um caminho que necessita ser trilhado, para assim alcançar melhores resultados. O aluno é parte da escola, é sujeito que aprende que constrói seu saber, que direciona seu projeto de vida. Assim sendo, a escola lida com pessoas, valores, tradições, crenças, opções e precisa estar preparada para gerenciar toda essa situação. Informar e formar precisa estar entre os objetivos explícitos da escola e uma escola voltada para o pleno desenvolvimento do educando valoriza a transmissão de conhecimento, mas também enfatiza outros aspectos: as formas de convivência entre as pessoas, o respeito às diferenças e a cultura escolar (PROGESTÃO, 2001, p.45).

Ouvindo depoimentos de alunos que afirmaram que a maioria das aulas é totalmente sem atrativos, professores chegam a sala cansados, desmotivados, e não há nada que os atraia a participar, que os desafiem a querer aprender. É importante ressaltar a importância da unidade de propostas e objetivos entre os coordenadores e o gestor, pois, as duas partes falando a mesma linguagem, o

resultado será muito positivo, que terá como fruto a elevação da qualidade de ensino.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste contexto, dentro do local de trabalho, “a escola”, em estudo em variados municípios foi verificada a presença de alunos oriundos de zona rural e de zona urbana. Destaca-se aí a heterogeneidade de culturas e de comportamentos, bem como a diferença de pontos de vista quando o assunto é “a escola”.

Nessa determinada análise é notório que os alunos, que se dedicaram ao aprendizado, fazem ser possível destacar certa diferença de olhar entre os “rurais” e os “urbanos” quando questionados sobre “o que a escola representa para você”? Ao ler os trabalhos, que propunham produção textual em forma de relato pessoal num caráter menos descritivo, porém, mais crítico-reflexivo, pode-se dividir os alunos em duas categorias, as quais, em primeiro momento, foram deduzidas por nós. Fizemos uma categorização por meio da afetividade demonstrada por alunos advindos das localidades rurais e dos moradores na cidade para com a Escola.

Após leitura, percebemos que a importância da unidade escolar na vida dos alunos urbanos é algo mais prático: trata-se da função mais “concreta” da escola, a de cumprir com atividades de ensino e frequência controlada, em que se fica confinado em sala de aula “com entrada e saída determinadas”. Ainda na fala de alunos urbanos, foi possível detectar descaso para com a função escolar: “representa apenas uma etapa, pois logo irei me formar e trabalhar.”

Esta forma de pensar representa categoricamente a afirmação de Wirth (1938, apud MORRIS, 1972) de que a racionalização das atividades urbanas é evidente em que “o cidadão comporta-se de forma racional e sofisticada”, já que há propensão para o “relacionamento impessoal, superficial, transitório e segmentário.” Poucos alunos urbanos citaram sutilmente a importância da afetividade e encaram o ensino escolar como um processo absolutamente técnico, sem a possibilidade de encontrar neste espaço algo de realmente afetivo – mesmo assim se contradizendo, ao citarem que gostam muito dos colegas de classe. Sobre outras pessoas do meio escolar, poucos citam professores como pessoas que “vão além do propósito”.

Também, pela análise dos textos, para estes alunos, o professor é alguém transitório e com o qual se permite algo superficial, do ponto de vista pessoal.

Em contrapartida, os alunos rurais apresentam outra visão quando se fala em “importância da escola”. Demonstram ser mais afetivos e mais participativos. Em muitos textos os alunos se expressam dizendo sobre “a falta que a escola fará quando saírem de lá e que não terão mais tanto contato com os que estão hoje com eles”. Em sua grande maioria, os alunos citam brevemente o papel instrucional da escola (aquele descrito como “técnico” pelos urbanos), talvez por acharem isso óbvio demais para citar, ou não. Sendo assim, dão ênfase para situações pessoais metafísicas relacionadas com os sentimentos de atividades em grupo, os “amigos” que formam a merenda, as “donas²”, os “sores³”. Estes alunos citam ainda seu deslocamento da área rural para a urbana. Necessário citar também que estes alunos rurais muitas vezes se chateiam porque “tem dias em que o transporte não passa por causa de alguma coisa que acontece daí ficamos tristes por não ir pra escola”.⁴

Pelo motivo geográfico, é coerente dizer que os jovens rurais queiram ficar na escola. Muitas vezes o ambiente rural não oferece a relação social ampla, seja por motivo de distância entre famílias, o que na escola é o contrário: uma “Babel” de diferentes ideias e tipos humanos, relacionando-se entre si. Vimos também em textos de alunos rurais, o apego às pessoas e seu respeito para com as mesmas, o que talvez possa ser um fator de maior integração de família e/ou uma necessidade pessoal de manter diplomacias e servir-se delas positivamente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MEC/CNE. **Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo**. Parecer CNE/CEB nº 36/2001, aprovado em 4 de dezembro de 2001.

FERNANDES, F.; LUFT, C. P.; GUIMARÃES F. M. Dicionário Brasileiro. 51^a ed. São Paulo: Globo, 1999.

² Vulgo usado para professoras, coordenadora pedagógica, secretária e funcionárias em geral.

³ Vulgo usado para professores, coordenador pedagógicos, diretor, vice-diretor.

⁴ Acontece raramente o fato do transporte não fazer o percurso, identificando as razões por motivo de temporais fortes, falta de professores ou eventos comemorativos que mobilizam as cidade (ex.: jogos de Copa do Mundo).

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA J. F.; TOSCHI M. S.; Educação escolar: políticas estrutura e organização. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2005. (Coleção Docência em Formação)

MORRIS, R. N. "O Urbanismo como modo de vida": a teoria urbana de Louis Wirth. In. MORRIS, R. N. Sociologia Urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 1972. Cap 1. P. 15-50.

OLIVEIRA, L. de; (2004) Os estudos de percepção do meio ambiente no Brasil. **OLAN-Ciência e Tecnologia**, Rio Claro, v.4, n.1, Abril, p. 22-26.

PENIN, S. T. S.; VIEIRA S. L.; MACHADO M. A. M. I. Progestão: como articular a função social da escola com as especificidades e as demandas da comunidade? Brasília: Consed, 2001. (Módulo 1)

SEBER, M. G. Piaget: o diálogo com a criança e o desenvolvimento do raciocínio. São Paulo: Scipione, 1997.

TUAN, Yi Fu, (1980), **Topofilia - Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**, São Paulo: Difel;